

*W. H. Hodgson*

OS  
HABITANTES  
DA ILHA  
MIDDLE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# OS HABITANTES DA ILHA MIDDLE

William H. Hodgson

Tradução e Revisão: *Jossi Borges*

Apoio e Parceria: *Marisa Helena Ferreira*



# OS HABITANTES DA ILHA MIDDLE

William H. Hodgson

O jovem Trenhern havia visto sua namorada, a mulher de sua vida, embarcar em um navio na Austrália, para tratar da saúde. Mas seis meses se haviam passado, e nunca mais ele teve notícias do navio *Happy Return*. Que ironia do destino! 'Feliz Retorno', um nome tão pouco adequado para um navio que teve um destino tão estranho e infeliz! Com a ajuda de amigos, Trenhern vai parar no Atlântico Sul, nas costas de uma ilhota chamada Middle, e onde foi encontrado o navio naufragado. Porém, nenhum sinal da tripulação ou dos passageiros... e uma terrível revelação esperava o infeliz jovem e seus amigos naquele navio fantasma e naquela ilhazinha desolada...

\*\*\*\*\*

— É aquela - exclamou o velho baleeiro, dirigindo-se a meu amigo Trenhern, enquanto o iate costeava lentamente a Ilha Nightingale. O velho apontava com o cabo de um enegrecido cachimbo de argila para uma pequena ilhota a estibordo da proa.

— É aquela, senhor – repetiu -. A Ilhota Middle e logo teremos um bom panorama da enseada. Embora não afirmo que a nave esteja ainda ali, senhor, e se o está, tenha em conta que lhe disse durante todo o tempo, que não havia ninguém nela quando subimos a bordo - voltou a levar o cachimbo à boca, dando um par de tragos lentos, enquanto Trenhern e eu escrutinávamos a ilhota através dos binóculos.

Estávamos no Atlântico Sul. Ao norte, ao longe, via-se difusamente o pico turvo, batido pelos ventos da Ilha Tristan, a maior das que integram o grupo da Cunha, enquanto que no horizonte ocidental podíamos distinguir em forma pouco nítida a Ilha inacessível. Entretanto, estas duas eram de pouco interesse para nós. Era a Ilhota Middle, frente à costa da Ilha Nightingale, a que atraía nossa atenção.

Havia pouco vento e o iate avançava lento na água de cor escura. Pude ver que meu amigo estava torturado pela impaciência de saber se a enseada ainda retinha os restos do navio que tinha levado sua namorada. Por minha parte, embora sentisse muita curiosidade, não tinha a mente tão ocupada para excluir um assombro inconsciente ante a estranha coincidência que nos tinha levado para aquela busca. Durante seis longos meses meu amigo tinha esperado em vão notícias do *Happy Return*, no qual tinha embarcado sua namorada para a Austrália, em uma viagem por motivos de saúde.

Nada, porém, se sabia e o dava por perdido, mas Trenhern, desesperado, tinha realizado um último esforço. Fizera publicar avisos em todos os periódicos mais importantes do mundo e esta medida tinha tido certo êxito na forma do velho baleeiro que estava junto a ele. Este homem, atraído pela recompensa oferecida, tinha informado a respeito de um casco desmantelado, que levava o nome Happy Return na proa e na popa, com o que se encontrou em sua última viagem em uma estranha enseada do flanco Sul da Ilhota Middle.

Entretanto, não tinha dado esperanças a meu amigo de encontrar seu amor perdido ou, em realidade, de encontrar algo vivo nele, porque tinha subido a bordo com a tripulação de um bote só para descobrir que estava completamente abandonado e - conforme nos disse - não tinham permanecido ali nem um momento. Agora me inclino a pensar que inconscientemente deve havê-lo impressionado a terrível desolação e a atmosfera misteriosa que invadia o navio, e nós mesmos logo seríamos conscientes. Justamente sua próxima observação demonstrou que minha hipótese era correta.

— Nenhum de nós quis se meter muito com tal navio. Ninguém se sentia cômodo a bordo. E estava muito limpa e arrumada para meu gosto.

— O que quer dizer com limpa e arrumada? - perguntei, intrigado pela maneira como ele falara.

— Bom - respondeu -, assim era. Dava a um a impressão de que um montão de gente acabava de abandoná-la e podia voltar em qualquer bendito minuto. Saberá o que quero dizer, senhor, quando a abordar - meneou a cabeça sabiamente e voltou a fumar o cachimbo.

Durante um momento o olhei dubio; depois me volvei e olhei para Trenhern, mas era evidente que não tinha notado as últimas observações do velho marinho. Estava muito ocupado em olhar com a luneta a pequena ilha, para notar o que acontecia ao seu redor. De repente emitiu um grito grave e se voltou para o velho baleeiro.

— Ande, Williams! - disse -. É este o local? - apontou com a luneta. Williams levou uma mão aos olhos e olhou.

— É ali, senhor - respondeu depois de uma pausa.

— Mas... mas onde está o navio? - perguntou meu amigo com voz tremente -. Não vejo sinais dele.

Tomou Williams pelo braço e o sacudiu com repentino temor.

— Tudo corre bem, senhor - exclamou Williams -. Não avançamos o suficiente para o sul para ter um bom panorama da enseada. Se estreita na boca e a nave está bem dentro. Verá em um minuto.

Com essas palavras, Trenhern lhe soltou o braço, com o rosto um pouco mais composto, embora muito ansioso. Durante um minuto se apoiou sobre o corrimão, como que procurando apoio. Depois virou-se para mim.

Eu...

— Henshaw – disse -. Estou tremendo... Eu...

— Vamos, vamos, meu velho - respondi e deslizei meu braço no seu. Depois, pensando em ocupar de algum modo sua atenção, sugeri-lhe que devia mandar que preparassem um dos botes para descê-lo. Depois estivemos escrutinando um momento mais a estreita abertura entre as rochas. Pouco a pouco, à medida que nos aproximávamos dela, notei que penetrávamos a considerável profundidade dentro da ilhota e então, por fim, apareceu algo ao longe, entre as sombras da enseada. Era como a popa de um navio projetando-se detrás das altas paredes da entrada rochosa e quando percebi, emiti uma interjeição, destacando Trenhern com considerável excitação.

Tinham descido o bote. Trenhern e eu junto com a tripulação do bote, e o velho baleeiro ao leme, íamos diretamente para a entrada na costa da Ilhota Middle.

Em pouco nos encontramos no meio do largo cinturão de algas que rodeava a ilhota e minutos depois deslizamos nas águas limpas, escuras da enseada, com as rochas elevando-se a cada lado de nós em paredes nuas, inacessíveis, que pareciam tocar-se nas alturas.

Passaram uns segundos antes que atravessássemos a passagem e entrássemos em um pequeno mar circular rodeado de ásperos escarpados que se elevavam sobre todos os flancos a uma altura de mais de cem metros. Era como se olhássemos do fundo de um poço gigantesco. Entretanto notamos pouco então, porque estávamos passando sob a popa de um navio e, ao olhar para cima, li em letras brancas: *Happy Return*.

Voltei-me para Trenhern. Tinha o rosto branco e seus dedos brincavam com os botões da casaca; sua respiração era irregular. Um instante depois, Williams trouxe o bote junto à nave e Trenhern e eu subimos a bordo. Williams nos seguiu, levando a amarra do bote; segurou-a em uma braçadeira e depois se voltou para nos guiar.

Enquanto íamos sob cobertura, os pés batiam com um som vazio que denunciava nossa desolação, enquanto as vozes, quando falamos, pareceram trazer um eco dos escarpados circundantes com uma estranha vibração oca, que nos levou imediatamente a falar em sussurros. E assim comecei a compreender o que Williams tinha querido dizer quando disse "Ninguém se sentia cômodo a bordo".

— Notem quão limpa e organizada que está a bendita coisa - disse, detendo-se depois de alguns passos -. Não é natural - fez um gesto com a mão para os equipamentos que nos rodeavam-. Tudo está como se acabasse de chegar ao porto e não fosse um bendito navio naufragado.

Seguiu para a popa, sempre abrindo a marcha. Era tal como havia dito. Embora os mastros e os botes da nave tivessem desaparecido, estavam extraordinariamente limpos e em ordem, as cordas - as que ficavam - enroladas nos cabos e em nenhum ponto das cobertas se podia discernir algum sinal de desordem. Trenhern o tinha captado, ao mesmo tempo que eu e agora me tocou o ombro com uma mão rápida, nervosa.

— Observe, Henshaw - disse em um sussurro excitado-, isto demonstra que alguns estavam vivos quando isso entrou aqui... - fez uma pausa para recuperar o fôlego-. Podem estar... podem estar...

Parou uma vez mais e apontou sem uma palavra. Tinha passado além das palavras.

— Abaixo? - indagou, tratando de falar com animação.

Assentiu com a cabeça, me escrutinando o rosto em busca de combustível para a repentina esperança que se acendeu dentro dele. Então chegou a voz de Williams que estava de pé ante a escada de entrada às cabines.

— Vamos, senhor. Não vou descer sozinho.

— Sim, vamos, Trenhern – gritei -. Nunca se sabe o que pode acontecer.

Chegamos juntos à escada e ele me fez gestos para que entrasse antes. Estremeceu. Ao pé das escadas, Williams fez uma pausa, depois dobrou à esquerda e entrou num aposento. Quando atravessamos a soleira, impactou-me uma vez mais o extremo esmero do lugar. Não havia sinais de apuro ou confusão; tudo estava em seu lugar como se o criado tivesse arrumado o departamento um momento antes, e limpado a mesa e os utensílios. Entretanto, por isso sabíamos, jazia ali um casco desmantelado há, pelo menos, cinco meses.

— Eles têm que estar aqui! Têm que estar aqui! - ouvi que murmurava meu amigo, e eu, embora lembrando que Williams o tinha encontrado assim fazia alguns meses, acabei por me unir à sua crença.

Williams tinha cruzado ao flanco de estibordo da câmara e vi que se aproximava de uma das portas. Esta se abriu, e o baleeiro deu a volta e fez um gesto a Trenhern.

— Veja, senhor – disse -. Esta deve ter sido a cabine de sua jovem esposa. Há objetos femininos pendurados e sobre a mesa o tipo de objetos que elas usam...

Não terminou. Trenhern atravessou a cabine de um salto, e agarrou-o no pescoço e no braço.

— Como se atreve... a profanar... - disse quase em um sussurro -. Como... como... - ofegou, e se agachou para levantar uma escova com cabo de prata que Williams tinha deixado cair ante o inesperado ataque.

— Não quis ofender, senhor - respondeu o velho baleeiro com voz assombrada, em que havia um matiz de uma raiva justificada-. Não quis ofender. Não ia roubar a bendita coisa.

Bateu a manga da casaca com a palma da mão e cruzou um olhar para mim, para me fazer testemunha da verdade de sua afirmação. Entretanto, logo notei o que dizia porque ouvi que meu amigo gritava dentro da cabine de sua bem amada e na voz se mesclava uma admirável profundidade de esperança, e temor e perplexidade. Um instante depois irrompeu na sala. Sustentava algo branco na mão. Era um calendário. Virou-o para cima para mostrar a data em que estava.

— Olhem! – gritou -. Vejam a data!

Quando meus olhos captaram o significado das poucas figuras visíveis, me acelerou a respiração e me inclinei para frente, olhando com fixidez. O calendário estava com a data desse mesmo dia.

— Bom Deus! - murmurei e logo - É um engano! É só uma casualidade!

E prossegui olhando.

— Não é - replicou Trenhern com veemência-. Foi posto neste dia... - interrompeu-se um momento. Então, depois de uma pausa breve e estranha gritou: Oh, meu Deus! Faça com que possa encontrá-la!

Voltou-se com aspereza para Williams.

— Em que data estava?... Rápido! - quase gritava. Williams o olhou confuso.

— Maldição! - gritou meu amigo, quase fora de si-. Quando você subiu a bordo antes!

— Nunca vi antes essa bendita coisa antes, senhor  
- respondeu o baleeiro-. Não ficamos a bordo.

— Por Deus, homem! - gritou Trenhern-. Que lástima! Oh, o quanto isso é difícil! - depois virou e correu para a porta da cabine.

Ao chegar à soleira olhou por sobre o ombro. — Vamos! Vamos! -chamou-. Estão em algum lugar. Estão se escondendo... Procurem!

E foi o que fizemos, mas embora percorrêssemos o navio inteiro, de proa a popa, não encontramos o menor sinal de vida. Entretanto, em todas partes preponderava aquela extraordinária limpeza e aquela ordem, e não a desordem selvagem de um navio naufrago e abandonado. À medida que passávamos de um lugar a outro e de cabine em cabine, continuava experimentando a sensação de que tinham sido habitado até um momento antes.

Terminamos a busca, e ao não encontrar o que procurávamos, olhamo-nos confusos, quase sem falar. Foi Williams o primeiro que disse algo inteligível.

— É como lhe disse, senhor; não havia nada vivo a bordo.

Diante disso Trenhern não respondeu nada e um minuto depois Williams voltou a falar.

— Não falta muito para que caia a noite, senhor, e temos que sair deste lugar enquanto houver um pouco de luz.



Em vez de lhe responder, Trenhern lhe perguntou se algum dos botes estava ali quando o abordaram antes e ante a resposta negativa, caiu outra vez em seu silencioso retraimento.

Um momento depois, atrevi-me a lhe chamar a atenção sobre o que havia dito Williams a respeito de retornar ao iate antes do escurecer. Então assentiu vagamente com um movimento de cabeça e caminhou fazia o lado, seguido por Williams e por mim. Um minuto depois estávamos no bote e entrávamos a mar aberto.

Durante a noite, não havendo lugar seguro para ancorar, o iate seguiu, sendo a intenção de Trenhen desembarcar na Ilhota Middle e procurar algum rastro da tripulação perdida do Happy Return. Se isso não desse resultados, ia levar a cabo uma grande exploração da Ilha Niglítingale e da Ilhota do Stoltenkoff antes de abandonar toda esperança.

Começou a executar a primeira parte do plano assim que amanheceu porque sua impaciência era muito intensa para esperar mais.

Entretanto, antes que desembarcássemos na Ilhota, pediu a Williams que levasse o bote à enseada. Tinha a crença, que de certa forma me afligia, de que ia trazer para a tripulação a seu modo de volta à nave. Sugeriu-me - procurando sem cessar em meu rosto a mútua esperança que talvez tivessem estado ausentes no dia anterior, devido a alguma expedição à ilha em busca de vegetais comestíveis. E eu (recordando a data no calendário) pude olhá-lo com simpatia. Embora não pudesse desacreditar de todo esse fato, não podia também dar muito crédito à sua esperança.

Penetramos pela passagem ao grande poço entre os escarpados. A nave, quando nos aproximamos dela, via-se pálida e irreal na luz cinzenta do amanhecer envolta em névoa; entretanto o notamos apenas porque a excitação e esperança evidentes de Trenhern estavam se torando contagiosas. Foi ele quem abriu agora a marcha para a penumbra da câmara. Uma vez ali, Williams e eu vacilamos com certo temor natural, enquanto Trenhern cruzou a porta do quarto de sua amada. Ergueu a mão e bateu, e na quietude subsequente ouvi como pulsava nítido e veloz meu coração. Não houve resposta e Trenhern voltou a bater com os nódulos sobre os painéis; os golpes ressoaram ocos através da câmara e das cabines vazias. O suspense da espera quase me enlouqueceu. Depois Trehern tomou bruscamente o trinco, fez girar e abriu a porta de par em par. Ouvi-o emitir uma espécie de grunhido. A cabine estava vazia.

Um instante depois, lançou um grito e reapareceu na câmara sustentando o mesmo calendário pequeno. Correu para mim e me pôs isso nas mãos com um grito desarticulado. Olhei-o. Quando Trenhern me tinha mostrado isso no dia anterior mostrava a data do dia 27. Agora a tinham mudado para o dia 28.

— O que significa isto, Henshaw? O que significa?  
-perguntou ansioso.

Sacudi a cabeça.

— Será que não o trocou ontem... por engano?

— De modo algum! - disse.

— De que estão brincando? - prosseguiu-. Isto não tem sentido... - fez uma pausa, depois repetiu - O que significa isto?

— Só Deus sabe --murmurei-. Estou perplexo.

—Quer dizer que alguém esteve aqui ontem? - perguntou Williams a esta altura.

Assenti.

— Por Deus, então, senhor! – disse -. São fantasmas!

— Refreie sua língua, Williams! -gritou meu amigo, voltando-se grosseiramente para ele.

Williams não disse nada, mas caminhou para a porta.

— Onde vai? - perguntei.

— Sair daqui, senhor – respondeu -. Nesta viagem não assinei nenhum papel para tratar com espíritos! - e subiu com passo inseguro a escada de entrada.

Trenhern não parecia ter percebido as últimas observações porque quando voltou a falar, parecia estar com outras idéias.

— Olhe – disse -. Não estão vivendo a bordo, é evidente. Têm algum motivo para manter-se afastados. Estão se escondendo em algum lugar... talvez em uma caverna.

— O que há sobre o calendário, então? Acha que...?

— Sim, me ocorre que devem vir a bordo de noite. Deve haver algo que os mantém afastados durante o dia. Possivelmente um animal selvagem ou algo assim que os poderia ver durante o dia.

Sacudi a cabeça. Era muito improvável. Se havia algo que podia alcançá-los a bordo da nave, estando como estava rodeada pelo mar, no fundo de um grande poço entre os escarpados, então me parecia que não estariam seguros em nenhum lugar; além disso, podiam ficar ocultos durante o dia e eu não podia conceber nada que pudesse alcançá-los ali. Ergueu-se uma multidão de objeções adicionais em minha mente. E além disso, sabia perfeitamente que não havia animais selvagens de

nenhum tipo nas Ilhas. Não! Era óbvio que não o podia explicar desse modo. E, entretanto... havia a mudança inexplicável do calendário. Minha cadeia de raciocínio terminava em uma névoa. Parecia

inútil aplicar qualquer tipo de sentido comum ao problema e me voltei uma vez mais para Trenhern.

— Bom – disse -, não há nada aqui e, depois de tudo, pode haver algo de certo no que afirma, embora eu duvide que se possa encontrar a ponta do novelo.

Abandonamos a cabine e voltamos para a coberta. Logo nos encaminhamos para a proa e olhamos no castelo de proa, mas, tal como esperava, não encontramos nada. Depois disso nos afastamos, no bote e decidimos examinar a Ilhota Middle. Tivemos que remar para sair da enseada e rodear a costa um pouco até encontrar um lugar adequado de desembarque.

Assim que desembarcamos, colocamos o bote em um lugar seguro e dispusemos a ordem da exploração. Williams e eu íamos levar um par de homens cada um para rodear a costa em direções opostas até que nos encontrássemos, examinando de passagem todas as cavernas que achássemos. Trenhern se dirigiria ao topo e escrutinaria a Ilhota dali.

Williams e eu cumprimos com nossa parte e nos encontramos perto do lugar onde tínhamos levado o bote. O não tinha nada que informar e eu tampouco. Não pudemos ver rastros de Trenhern e pouco depois, como não aparecia, disse a Williams que ficasse junto ao bote enquanto eu subia a elevação para buscá-lo. Logo cheguei ao topo e descobri que eu estava à beira do enorme poço em que jazia o navio naufragado. Olhei a meu redor e, para a esquerda, vi meu amigo estendido de barriga para baixo com a cabeça sobre a beira do abismo, evidentemente olhando para o navio.

— Trenhern - chamei com suavidade, para não alarmá-lo.

Elevou a cabeça e olhou em minha direção, fez-me gestos e me apressei em chegar ao seu lado.

— Se abaixe - disse em sussurro-. Quero que veja algo.

Quando me estendi junto a ele, observei-lhe o rosto, estava muito pálido. Depois apareci por sobre a beirada e olhei a tenebrosa profundidade.

— Vê o que quero dizer? - perguntou, falando ainda em um sussurro.

— Não. Onde?

— Ali -apontou-. A estibordo do Happy.

Olhando na direção indicada, perto dos restos da nave, distingi vários objetos pálidos, de forma oval.

— Peixes – eu disse -. Que estranhos!

— Não! - replicou ele-. Rostos!

— O quê!

— Rostos!

Ajoelhei-me e olhei.

— Meu caro Trenhern, está deixando que este assunto o afete muito... Sabe que pode contar com toda minha simpatia. Mas...

— Olhe – disse -, estão se movendo, estão nos olhando! - falava em voz baixa, ignorando por completo meu protesto.

Estendi-me outra vez e olhei. Tal como havia dito, estavam se movendo e quando olhei me ocorreu uma idéia repentina. Pus-me em pé bruscamente.

— Já sei! - gritei excitado -. Se estiver certo isso poderia explicar o abandono da nave. Pergunto-me por que não pensamos antes!

— O que? -perguntou com voz cansada e sem elevar a cabeça.

— Bem, em primeiro lugar, meu velho, esses não são rostos, como bem sabe, mas lhe direi o que é provável que sejam: os tentáculos de algum tipo de monstro marinho, um kraken, ou um polvo... algo do tipo. É fácil imaginar uma criatura dessa classe habitando aí abaixo e do mesmo modo posso compreender que se sua amada e a tripulação do Happy Return estão vivos, sintam-se inclinados a apartá-lo mais possível do velho navio... não é mesmo?

Quando terminei de explicar minha solução do mistério, Trenhern estava em pé. A prudência tinha voltado para seus olhos e havia um rubor de excitação reprimida pela metade nas bochechas até então pálidas.

— Mas... mas... mas... e o calendário? - ofegou.

— Bom, podem atrever-se a subir a bordo de noite, ou em certo momento das marés, talvez tenham descoberto que há pouco perigo. Certamente, não posso afirmá-lo, mas parece provável e nada mais natural que levar um registro dos dias, ou o podem ter imaginado, de passagem. Até poderia tratar-se de sua bem amada contando os dias, desde que se separou de você.

Vóltei-me e espiei outra vez por sobre a beira do escarpado; as formas flutuantes tinham desaparecido. Então Trenhem me tocou o braço.

— Vamos, Henshaw, vamos. Retornaremos ao iate e traremos armas. Vou matar esse monstro se ele aparecer.

Uma hora mais tarde estávamos de retorno com dois dos botes do iate e seus tripulantes, todos

armados com facões, arpões, pistolas e tochas. Trenhem e eu tínhamos escolhido pesados revólveres.

Os botes foram aproximados e ordenou aos homens que abordassem o navio naufrago, e ali, contando com suficiente comida, passaram o resto do dia, vigiando com atenção em busca de sinais de algo.

Entretanto, quando se aproximou a noite, manifestaram uma considerável inquietação. Por último enviaram ao velho baleeiro a popa para dizer a Trenhern que não ficariam a bordo do Happy Return depois de cair a noite: obedeceriam qualquer ordem que lhes desse no iate, mas não tinham sido contratados para permanecer a bordo de um navio comandado por fantasmas.

Uma vez que ouviu Williams, meu amigo lhe disse que levasse seus homens ao iate, mas que retornasse em um dos botes com coisas para dormir, já que ele e eu íamos passar a noite a bordo do navio. Esta era a primeira vez que eu ouvia sobre o assunto, mas quando o repreendi me disse que tinha plena liberdade para voltar para o iate. Por sua parte tinha decidido ficar e ver se vinha alguém.

Como é natural, depois disso tive que ficar. Logo retornaram com os implementos de dormir e depois de receber ordens de meu amigo para que viessem nos procuramos ao romper o dia, deixaram-nos a sós para passar a noite.

Descemos as coisas e as acomodamos sobre a mesa da câmara; depois subimos e passeamos pela cobertura de popa, fumando, falando seriamente, e escutando, mas nada chegava a nossos ouvidos, a não ser a voz grave do mar mais à frente do cinturão de algas.

Levávamos os revólveres porque só sabíamos que podíamos chegar a necessitá-los. Entretanto, o tempo foi passando sem acidentes, exceto uma ocasião em que Trenhem deixou cair pesadamente a culatra da arma sobre a cobertura. Justamente então, desde todos os escaçados que nos rodeavam, ricocheteou para nós um estalo grave, oco. Era como o grunhido de uma besta enorme. Logo a escuridão se fez total no fundo daquele poço tremendo. Por isso podia julgar, uma névoa tinha descido sobre a Ilhota e formado uma espécie de tampa enorme sobre o poço. Quando descemos eram perto da meia-noite. Acredito que, para então até Trenhern tinha começado a notar que ter ficado era um pouco imprudente. Se fôssemos atacados, ao menos lá embaixo poderíamos resistir melhor. Em certo sentido, o temor incerto que eu sentia não era induzido pela idéia do grande monstro que acreditava ter visto perto da nave durante o dia, mas sim por algo inominável no ar mesmo, como se a atmosfera do lugar fosse um meio condutor do terror. Entretanto, me acalmando com esforço, atribuí tal impressão aos meus nervos em tensão, de tal modo que logo, havendo-se devotado Trenhem para fazer a primeiro guarda, fiquei dormindo sobre a mesa da cabine, deixando-o sentado junto a mim com o revólver sobre os joelhos.

Então, enquanto dormia, tive um sonho de uma nitidez tão extraordinária que me parecia estar acordado. Sonhei que de repente Trenhern escoiceava e ficava em pé de um salto. No mesmo instante, ouvi uma voz suave que chamava: "Trem! Trem!". Vinha da porta da câmara e, em meu sonho, dava-me volta e via um rosto muito belo, com olhos enormes, admiráveis. "Um anjo!", sussurrei comigo mesmo. Então soube que me tinha equivocado e que era o rosto da namorada de Trenhern. Tinha-a visto só uma vez, antes que embarcasse. Meus olhos foram dela para Trenhern. Tinha deixado o revólver sobre a mesa e agora ela estendia os braços para ele. Ouvi-a murmurar "Venha!" e depois Trenhern estava ao

seu lado. Os braços da moça o rodearam e depois, juntos, atravessaram a soleira. Ouvi os pés dele sobre a escada e depois disso meu sonho se converteu em um descanso vazio, sem sonhos.

Despertou-me um grito terrível, tão espantoso que me pareceu despertar mais à morte que à vida. Durante um minuto estive sentado entre meus cobertores, imobilizado pelo gelo do medo, mas não me chegou nenhum outro som, e meu sangue voltou a correr pelas veias e estendi a mão em busca do revólver. Aferrei-o, afastei as mantas e saltei ao piso. A cabine estava alagada por uma tênue luz cinzenta que se filtrava pela clarabóia acima. Era apenas suficiente para me mostrar que Trenhem não estava presente e que o revólver estava sobre a mesa, no lugar onde o tinha colocado em meu sonho.

Então, chamei-o vivamente, mas a única resposta que obtive foi o eco vazio e fantasmal das cabines circundantes. Depois corri para a porta e escada acima, até a coberta. Ali, na brumosa luz do amanhecer, olhei ao longo do convés, mas não vi Trenhern por nenhum lado. Elevei a voz e gritei. Os escarpados turvos, circulares apanharam o nome e o fizeram ressonar mil vezes, até parecer que, da penumbra dos arredores uma multidão de demônios gritava "Trenhern! Trenhen! Trenhern! Trenhern!". Corri a bombordo e olhei por sobre a amurada: Nada! Voei a estribordo, meus olhos captaram algo: vários objetos que flutuavam a pouca distância da superfície. Olhei com atenção e o coração pareceu parar de repente no meu peito. Estava contemplando uma vintena de rostos pálidos, sobrenaturais, que me devolviam o olhar com olhos tristes. Pareciam oscilar e tremer na água, porém não havia movimentos. Devo haver ficado assim durante alguns minutos porque, bruscamente, ouvi um som de remos e depois deslizou ao redor da popa o bote do iate.

— Para a proa, vamos - ouvi gritar Williams. Aqui estamos, senhor!

O bote roçou o flanco.

— Como vão... - começou Williams, mas me pareceu ter visto algo que se aproximava do convés, lancei um grito e saltei para o bote., Aterrissei sobre um dos bancos.

— Afastem-se! - berrei e tomei um dos remos para ajudar.

— E o Sr. Trenhern, senhor? - interpôs Williams.

— Está morto! -gritei-. Afastem-se, afastem-se!

E os homens, contagiados por meu medo, remaram até que em poucos instantes estávamos a vinte metros do navio. Ali houve uma pausa.

— Leve-o mar fora, Williams! - gritei, frenético pela coisa com a qual me deparara -. Leve-o mar fora!

E ante estas palavras, Williams dirigiu o bote por volta da passagem que se comunicava com o mar. Isto nos fez chegar perto da popa do navio naufragado e enquanto passávamos por baixo, elevei a cabeça para a massa sobressalente. Quando o fiz, um rosto difuso, belo, apareceu sobre o arremate da proa e me olhou com grandes olhos tristes. Estendeu os braços para mim e gritei freneticamente, porque as mãos eram como as garras de um animal selvagem.

Enquanto eu fazia isso, a voz de Williams me chegou com um bramido rouco de puro terror. Gritava aos tripulantes:

— Remem! Remem! Remem!

\*\*\*